

Tão perto e tão longe: militantes locais e anticomunismo nas páginas de “o eco”, na Segunda Guerra Mundial*1

*Marcos Paulo da Silva*²

Introdução

O contexto da década de 1940 e os reflexos da Segunda Guerra Mundial no Brasil já foram estudados nas suas mais variadas manifestações, mas ainda há muito a ser compreendido, sobretudo nas áreas distantes dos grandes centros urbanos em termos de manifestação das ideologias políticas. O objetivo deste capítulo é tratar de forma contextual das representações em torno do tema comunismo construídas nas páginas do semanário *O Eco*, periódico fundado no interior paulista em 1938, em Lençóis Paulista (município localizado a 300 quilômetros a oeste de São Paulo), com ligação com a colônia italiana da região, e o silenciamento do veículo em relação à repressão aos militantes comunistas locais. Em especial após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, e

* DOI - 10.29388/978-65-6070-080-2-0-f.138-163

¹ As discussões contidas neste capítulo integram a dissertação de mestrado “A representação da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista. *O Eco* (1939-1944)”, defendida em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Ver: Silva (2007) e Silva (2008).

² Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pesquisador visitante (2022) na School of Journalism da Michigan State University (East Lansing, Michigan, EUA) com bolsa de pós-doutorado Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutor em Comunicação Social (2013) pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche (PDDEE/CAPEES, 2011) na Syracuse University (Syracuse, New York, EUA). E-mail: marcos.paulo@ufms.br.

com as contradições que os novos arranjos geopolíticos representaram para a colônia italiana, o jornal adotou uma postura de embate ferrenho ao comunismo, aproximando-se de forma oculta do discurso integralista do período com forte influência da direita católica. Tais críticas, todavia, explicitadas nos editoriais do veículo, tinham como foco a geopolítica internacional, silenciando-se sobre a ação dos de comunistas na região.

Em termos contextuais, a história de colonização de Lençóis Paulista se remete ao século XIX e reforça as peculiaridades da sua formação. Fundada oficialmente em 1858, a cidade se caracterizou durante as suas primeiras décadas de existência como uma terra de pequenos agricultores e criadores de gado, que destinavam a sua produção aos mercados local e regional, além da própria subsistência. A suspensão do tráfico negreiro (Lei Eusébio de Queiroz), em 1850, a Lei do Ventre Livre, em 1871, e a abolição da escravidão, em 1888, abriram caminho para um grande fluxo de imigrantes no Brasil. Com a Proclamação da República, em 1889, o governo federal acentuou o fluxo migratório com a criação de programas de colonização que atraíam camponeses pobres da Europa. Para efeitos de exemplificação, em 1905 eram registradas no município 675 propriedades agrícolas, 526 delas em mãos de brasileiros e as restantes 149, em posse de estrangeiros. Em menos de duas décadas, os imigrantes já representavam 22% dos proprietários rurais de Lençóis Paulista, proporção que aumentaria nos anos seguintes, medida do êxito de muitos deles no Novo Mundo (Camargo, 1952; Fernandes, 2003).

Figura 1: Fachada de uma casa comercial na rua 15 de Novembro, principal via de Lençóis Paulista, em 1909



Fonte: Arquivo familiar – Família Paccola (1909)

Em 1920, as propriedades eram em número de 607, das quais 313 (51%) em mãos brasileiras e 294 (48%) com os imigrantes. Nesta data, a população imigrante, 4.008 pessoas, representava 19,7% da população total de 20.294 habitantes da cidade. Isso significa que 7% dos considerados imigrantes eram proprietários agrícolas, um índice bastante alto. Entre os brasileiros, esta porcentagem era de 2%. Em 1940, período já abarcado pelo presente estudo, 441 brasileiros (66%) tinham propriedades agrícolas, com um tamanho médio de 43 alqueires, enquanto 228 estrangeiros (34%) possuíam uma propriedade com tamanho médio de 34 alqueires. Entre eles, havia 136 italianos, 20 portugueses e 72 “outros” (Camargo, 1952; Fernandes, 2003).

Os números mostram a presença maciça de italianos entre os imigrantes e a integração deles na região. A chamada “grande naturalização” decretada no Brasil com a Proclamação da República teve também reflexos em Lençóis Paulista.

Com a medida, os imigrantes ganharam direitos eleitorais e representatividade política na cidade. Não faltaram incentivos para a fixação dos estrangeiros, que passaram a circular e disputar posições no espaço público.

Nesse sentido, outro fator determinante foi a expansão da malha ferroviária no interior de São Paulo. O desenvolvimento das linhas férreas Sorocabana e Paulista, bem como a criação da linha Noroeste, cujo entroncamento se dá no então recente município de Bauru, emancipado politicamente em 1896, permitiu, em dimensão inédita, a circulação pela região de produtos, capitais e, sobretudo, pessoas. Consequência da intensa movimentação de pessoas para os parâmetros do período, a circulação de ideias – integralistas, comunistas, socialistas, anarquistas, fascistas e liberais, entre outras bandeiras políticas – ajudou a compor a nascente opinião pública da época.

Figura 2: Chegada do primeiro trem na região de Lençóis Paulista, em 1898



Fonte: Arquivo Alexandre Chitto (1898)

No complexo de variáveis culturais e políticas que constituíram o contexto desta pequena localidade no interior paulista na década de 1940, este capítulo pretende elucidar as contradições inscritas nas entrelinhas do então único jornal local lençoense sobre o tema comunismo, identificando os personagens locais que eram exaltados nas páginas do periódico e aqueles que foram silenciados, em decorrência da sua militância.

O Eco: espaço de representações ideológicas

Em meio a tais particularidades, foi fundado em fevereiro de 1938, por Alexandre Chitto, Vicente de Paula Ferraz e Alcides Ferrari, o semanário O Eco, inicialmente chamado de E'cho, único veículo impresso de caráter local com circulação em Lençóis Paulista durante a década de 1940. Composto e impresso em tipografia própria, de maneira semiartesanal, com uso de tipos e clichês, o semanário circulou ininterruptamente nos primeiros anos com edições que variavam de quatro a seis páginas. Nos primeiros anos de circulação, com tiragem aproximada de 100 exemplares, o jornal conjugava nas suas páginas notas informativas sobre os acontecimentos da cidade (alistamento militar, datas festivas, falecimentos, esportes, entre outros assuntos), notas sociais (nupcias, aniversários e festas), reproduções de poesias e outros textos assinados, editais oficiais e publicidade. Devido ao modo de composição das páginas na tipografia, o semanário não mantinha critérios estabelecidos de editoração – característica comum a outras publicações jornalísticas do período. Dessa forma, os poucos elementos com lugar fixo nas páginas do jornal eram a logomarca e o editorial, ambos ocupando sempre a primeira página.

Figura 3: Capa da primeira edição do semanário O Eco (antes grafado E'cho)

<p>Assignaturas</p> <p>MUNICIPIO</p> <p>Mez vencido — 28000</p> <p>FORMA:</p> <p>Anno a vencer — 208000</p>	<h1 style="font-size: 4em; margin: 0;">E'CHO</h1> <p>(ORGAN SEMANAL)</p>	<p>Annuncios e Publicações de accordo com a Tabella</p>
<p>DIRECCÃO DE: ALEXANDRE CHITTO</p>		<p>SECRETARIO: VICENTE DE PAULA FERAZ</p>
<p>ANNO I</p>	<p>S. PAULO</p>	<p>Leirãoes, 6 de Fevereiro de 1938</p>
<p>BRASIL</p>		<p>NUMERO 1</p>

E'cho

Alexandre CHITTO

—o—

A imprensa foi, e será o índice da cultura de um povo. Nasceu com João Gutenberg, cujas primeiras experiências foram realizadas, no porão de um modesto prédio, em Itraburg e morrerá quando a humanidade tiver seu fim, se assim acontecer.

Através da imprensa conhecemos o que um povo possui e pode dispendir intellectualmente.

Sem ella difficilmente poderíamos conhecer, no concheço dos nossos lares, todas as manifestações e acontecimentos que occorrem no mundo inteiro.

E nós, não podíamos permanecer indifferentes ante a necessidade de um organ mesmo semanal, que viesse registrar em suas columnas o correr da vida de nossa terra.

Hoje, lançamos ao publico o "E'cho" sem matizes politicos nem religiosos. Tem como postulado a dezoza dos direitos do povo de Lençoës e a missão de arrancar do leito letrageiro os que permanecem indifferentes ao interesse colectivo.

Lançamos o "E'CHO" dispostos a enfrentar nos arduos trabalhos e arcar com as pesadas responsabilidades que accarretam taes empreendimentos.

Para tornar esta iniciativa uma realidade duradoura, sabemos perfeitamente que ha inumeros obstaculos a transpor, mas dentro em nós estará o estimulo para vence-los.

E a cada passo, ao longo do caminho percorrido, surrá um indicio da nossa vontade ferrea, cimentada no alto ideal de tornar cada vez mais arraigada a existencia deste vanguardeiro — o "E'CHO".

Porem, para que possamos alcançar o nosso objectivo e tudo se torne mais leve ás possibilidades das nossas forças, é preciso o concurso de todos os bem intencionados, neste particular.

A cooperatividade é indispensavel ao bom exito das grandes empresas e o resultado dos pequenos committimentos será falho se ella não apparecer.

Tudo é relativo, tudo é limitado e assim são nossas forças.

Manhã

(Especial para o "E'cho")

Manhã risonha. O sol surgiu, saltando as montanhas de nuvens, no desejo incontento de amar, e foi semeando restes douradas, no brilhante adejo.

Foi quando a terra adormecida, quando, abrindo os grandes braços num bocado de brisa fresca, recebeu, cantando, da luz do sol o delirante beijo.

E do feliz noivado matutino, na orchestração da Natureza, no hymno festival do Trabalho, na serida

agitação que em toda a parte havia, na universal, esplendida alegria, nasceu, gloriosa e palpitante, a Vida!

BOTUCATU, 5 - 2 - 38.

Lourival de Oliveira

AVISO

"E'CHO": quem receber e não devolver o presente numero, será considerado assignante.

Bar Guarany

Bombons Finos

"E'cho" da Cidade

A direcção accoeita suggestões e reclamações do publico, desde que as mesmas sejam de interesse colectivo, e venham escritas e assignadas com endereço do missivista.

—o—

Esporte de Tiro

Uma commissão de esportistas locais, composta dos senhores Mamei, Bucciantie, Cesar Fayad, Alfonso Andretto, Antonio Segalla e outros, tendo a frente o sr. João Moreira da Cruz, estão coordenando esforços com o fim de fundarem nesta cidade um club de Tiro no Voo.

Ao que nos consta, será construido um campo para tal fim, ao lado esquerdo da praça esportiva da veterana A. A. Lençoense, apparelhado dos mais modernos requilhos para a pratica de tal esporte. A ser equiparado, como se pretende, ao campo da Federação de Tiro Amador, com archibancada coberta para o publico e outras cousas, tal obra custará á boa vontade do publico esportista local cerca de . . . 50000000.

Iniciativas desta ordem merecem de todos bons lençoenses, que desejam ver sua cidade fulgurando entre os mais adelantados centros, o apoio incondicional e franco.

A Praça da Matriz

Em volta de nosso principal templo religioso existe uma praça arborizada que esdrá a reclamar um pouco das vistas de nosso Governo Municipal. Tal logradouro achase quasi que em completo abandono, coberto de matto crescido, apresentando um feissimo aspecto.

Si não nos enganamos, o responsavel pela conservação de tal local é a parochia ou o Bispo de Botucatu.

Entretanto, já que esses nada podem ou querem fazer, suggeriríamos ao esforçado sr. Prefeito Municipal, que diga-se de passagem perante os visitantes é sempre o responsavel pelo bom aspecto da cidade, mandar, de vez em quando, dar uma "limpadeira" ao menos na referida praça.

"Habite-se"

Consta-nos que a Prefeitura vai passar a exigir que todos os proprietarios de predios desta cidade, mande fazer uma limpeza, ainda que simples, nas casas que se varem. A habitação só será

Bar Guarany

Fructas Frescas

ocupada por novo morador, então, depois que a autoridade dêr o competente "habite-se". A ser isto verdade nada se terá que extranhar, pois, é sabido que na maioria das cidades do Estado os respectivos Governos ou Postos de Hygiene publicos, sempre exigiram que o novo morador de um prédio urbano exhiba o classico cartão de "habite-se" fozecido pela autoridade sanitararia como prova de que a sua nova residencia passou pela competente limpeza antes de ser reoccupada.

Não teremos duvida em applaudir, e francamente, o Governo do Municipio, caso esta Lei entre em vigor na cidade pelo resguardo de eventuales contaminações de molestias graves e a bem geral da hygiene public.

(Continua na 4a. Pág.)

Fonte: Chitto (1978, p. 72)

Como todo veículo de comunicação que se articula como um espaço de representações sociais, o jornal O Eco, desde o início da sua circulação, construiu identidades. Conforme expõe o próprio jornalista responsável:

O Eco nasceu com o objetivo de propugnar pela grandeza e crescimento de Lençóis, sem o receio de atingir partes que ainda pretendiam ser absolutas nas suas opiniões, olvidando que, dias mais, dias menos, tudo chegaria ao seu termo e as renovações se sucederiam (Chitto, 1978, p. 71).

É comum, por parte do jornal, a utilização de termos como “grandeza” ou “pujança” para valorizar o município. Identifica-se no conteúdo do veículo a defesa de obras de infraestrutura em Lençóis Paulista e a evolução da ideia de uma cidade próspera, que não deveria padecer ao pessimismo ou sentir-se inferiorizada em relação aos mais populosos municípios vizinhos.

Diretor desde o seu início e voz predominante nos destinos e na linha editorial do semanário, o jornalista Alexandre Chitto, assim como a sua família, teve na sua trajetória de vida, uma relação muito peculiar com a Itália. O percurso da família Chitto com descendência em Lençóis Paulista teve início em 1872, em Isola Dovarese, na província italiana de Cremona. Em 24 de novembro daquele ano, filho de César Chitto e de Anunciata Chitto, nascia Mauro Chitto, patriarca da família que anos depois teria influência no comércio, na política e na comunicação de Lençóis Paulista. Aos 15 anos, Mauro ingressou no serviço de telégrafo italiano e, aos 18, foi convocado para o exército, onde chegou à patente de sargento. Na última década do século XIX, serviu na África Oriental, que a Itália tentava então colonizar.

Passada a guerra, condecorado pelos serviços militares, decidiu mudar-se para a América. Escolhendo o Brasil como destino, viajou junto de um primo. Na época, Lençóis Paulista já possuía uma considerável colônia italiana, sobretudo das regiões de Treviso e Cremona. Na cidade, Mauro Chitto casou-se com Santina Lazzari, uma imigrante da mesma localidade italiana da qual partira, fixando residência na Rocinha, um bairro rural formado por imigrantes italianos, onde teve seus três primeiros filhos – entre eles, Alexandre Chitto. Com o passar dos anos e a entrada dos filhos na adolescência, a família resolveu voltar para a Europa, mas a Primeira Guerra Mundial, que eclodiu na Europa em 1914, motivou o retorno ao Brasil. Os Chitto passaram a residir no núcleo urbano de Lençóis Paulista. Engajado na política da localidade, Mauro Chitto assumiu a presidência da Sociedade Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Itália, criada no município pela colônia italiana como forma de mútua assistência aos estrangeiros e descendentes.

As sociedades italianas foram no início do último século, ao lado das escolas e da imprensa, importantes instrumentos de propagação da cultura imigrante no Brasil, sobretudo no interior paulista. Em 1927, a colônia italiana dispunha de 250 associações de natureza educacional para a “propaganda e a divulgação da cultura italiana”. A colônia contava também com 310 escolas e dezessete mil alunos, a maior parte no estado de São Paulo (SEITENFUS, 2003, p. 40). Tais espaços não eram isentos da propagação de bandeiras ideológicas – com destaque para o fascismo e o integralismo. Registros do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) levantados por Brusantin (2003) revelam que antes de deflagrada a Segunda Guerra Mundial, as autoridades policiais identificaram pontos de encontros

clandestinos de adeptos do integralismo camuflados pelo interior paulista em localidades relacionadas com a colônia italiana. Em Bauru, cidade localizada a 60 quilômetros de Lençóis Paulista, por exemplo, há o registro de uma Casa de Representações e Importações, que armazenava armas para os integralistas distribuírem pelas cidades do interior. Em Lins, também no centro-oeste paulista, a polícia registrou reuniões integralistas na sede da Congregação Mariana local. Em Rio Claro, a ação clandestina dos representantes do integralismo foi identificada na Sociedade Italiana Fascista.

Com base nestes registros é possível afirmarmos que o integralismo recebia apoio de diversos segmentos sociais, ainda que na ilegalidade. As ideias do Sigma facilitavam, até por uma questão de identidade ideológica, a colaboração entre distintos segmentos da extrema direita católica e fascista. Esse fato abre evidência das bases sociais de apoio ao movimento integralista, que manteve suas forças mesmo após a repressão pública do governo Vargas (Brusantin, 2003, p. 87).

Não há registros identificados no Deops de ligação direta da Sociedade Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Itália, de Lençóis Paulista, com o integralismo. Contudo, a sociedade, que durante um longo período foi o único clube da cidade, teve os seus bens confiscados e foi fechada, a exemplo de outros centros de propagação da cultura italiana, exatamente após a tomada de posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Foi neste período, marcado pelos anos de 1942 e 1943, que Vargas foi pressionado a assumir sua posição contrária ao nazifascismo, mudando o caráter da perseguição aos integralistas como inimigos do Estado.

Como define Chauí (1978), o integralismo exerceu a sua ação no Brasil sob diferentes formas, com destaque para

o intenso esforço cultural de propagação ideológica a partir de cursos, conferências, centros de pesquisas e de estudos dos problemas nacionais e humanos. A doutrinação se fazia por jornais, revistas, comícios urbanos e penetração dos oradores nos campos e pequenas cidades do interior (Chauí, 1978, p. 47). O movimento se dirigia especialmente à classe média urbana. Segundo Chauí (1978, p. 53), esse direcionamento dos integralistas não ocorreu somente sob a invocação de valores tradicionalmente imputados pela classe (entre eles, a tradição religiosa e a família), mas pela convocação explícita e “não somente para que venham cerrar fileiras na qualidade de militante, mas sim para que venham constituir-se como vanguarda política”.

A partir deste plano de ação do movimento integralista, Brusantin (2003) chama a atenção para a presença evidente do grupo nas cidades do interior paulista. Pelo lado dos adeptos do integralismo se destacava a estratégia de ataque aos comunistas. “A ação propagandista era dupla, pois visava a divulgação das idéias do partido e o combate ao inimigo, fatos evidentes entre 1935 e 1938” (Brusantin, 2003, p. 83). Outro fato de destaque no período era o apoio dado aos integralistas pela imprensa nas cidades do interior, que muitas vezes funcionava para que o ideário do grupo se tornasse público. Brusantin (2003, p. 85) afirma que a propaganda dos seguidores do Integralismo era garantida pelo apoio da imprensa local, facilitando o programa de doutrinação.

Figura 4. Marechal Pietro Badoglio visita Lençóis Paulista, em 1924



Fonte: Arquivo Alexandre Chitto (1924)

Embora não haja registros explícitos de apoio ao integralismo ou ao fascismo italiano por parte do semanário *O Eco*, fundado em 1938, já sob a vigência do Estado Novo, algumas relações que envolvem o veículo e a Itália fascista devem ser consideradas. Parte dessas relações recai sobre a figura do patriarca da família Chitto. Além de presidente da Sociedade Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Itália, fechada e com os seus bens confiscados após a tomada de posição do Brasil contrária aos países do “Eixo” na Segunda Guerra Mundial, Mauro Chitto foi, ainda, Representante Consular Italiano na cidade e vice-prefeito, eleito em 1922, ocupando o cargo de chefe do Executivo por quase um ano em substituição ao então prefeito Elias Rocha. Nesse período, em 1924, recebeu na cidade, o General Pietro Badoglio,

representante oficial de Benito Mussolini em visita ao estado de São Paulo.

Segundo filho de Mauro Chitto, o jornalista Alexandre Chitto, também manteve durante a sua vida uma relação muito próxima com a Itália. Alexandre nasceu em fevereiro de 1901 no bairro italiano da Rocinha, em Lençóis Paulista, onde passou a infância e parte da adolescência. O jornalista não defendia explicitamente, nas páginas do seu semanário, nenhuma doutrina política que se opusesse ou contrariasse o Estado Novo de Getúlio Vargas, posição compreensível quando considerado o fato de O Eco ter surgido já sob regime de censura. Contudo, ao abordar determinados assuntos e se calar perante outros, o veículo transparecia seu posicionamento – desde sempre velado. Em uma homenagem póstuma a Virgílio Capoani, prefeito de Lençóis Paulista entre 1952 e 1954, publicada em uma edição comemorativa do semanário em 1972, Chitto ressalta a atuação do político – descendente de uma tradicional família imigrante – no integralismo:

O sr. Virgílio Capoani, fazia parte da firma comercial Zillo Capoani Ltda. Na política fez parte do Integralismo, manifestando ardente inimigo do Comunismo. Como simples soldado conseguiu reunir um grupo de 400 integrais no Município. No governo do sr. Getúlio Vargas, tendo-se extinto o Integralismo, o sr. Virgílio Capoani ingressou no Partido Social Progressista, no qual ocupava elevado posto no Diretório Local. Candidatou-se à vereança pela legenda do PSP e foi eleito vereador, com larga margem de votos, no período de 1948 a 1951. Na eleição seguinte, o PSP elegeu-o prefeito municipal, orientando magistralmente os destinos de Lençóis Paulista de 1952 a 1954 (Chitto, 1972, p. 153).

O trecho evidencia alguns pontos importantes sobre a política local. Primeiramente, há a atuação de um representativo número de lençoenses junto ao movimento integralista. Em seguida, ilustra-se a admiração de Chitto pelo desempenho político de Capoani. O fato de o jornalista ter colocado o ex-prefeito no posto de “ardente inimigo do comunismo”, também deixa transparecer um posicionamento bastante evidente do semanário O Eco durante os anos que compreenderam a Segunda Guerra Mundial. Por um lado, se o jornal nunca se posicionou claramente ao lado do fascismo italiano ou do movimento integralista, por outro, usou de estratégia semelhante à AIB para desqualificar o comunismo, colaborando para a construção de uma dicotômica imagem “do mal” da ideologia política.

Comunistas locais: silenciamento do periódico

No âmbito local, a presença de comunistas sempre foi tratada de maneira silenciosa. Uma importante passagem na história de Lençóis Paulista que não mereceu destaque nas páginas do semanário O Eco é a perseguição feita pela polícia política de Vargas a um grupo de moradores da cidade considerados simpatizantes do comunismo. Tal perseguição se tornaria ainda mais oculta se não fosse a abertura dos arquivos do Deops referentes ao período do Estado Novo.

Figura 5: Mensagem anti-Mussolini grafitada em muro de residência em Lençóis Paulista e atribuída a simpatizantes do comunismo – Déc. 1930



Fonte: Laboratório Técnico de Fotografia do Gabinete de Investigações. Prontuário 2426 – Abrahão Maluf. DEOPS (Brussatin, 2003, p 48)

Ligada a Bauru e a Botucatu pela Estrada de Ferro Sorocabana, Lençóis Paulista, apesar da pequena população que possuía nas décadas de 1930 e 1940, também tinha entre os seus moradores alvos de silenciosas e múltiplas ações preventivas e repressivas ditadas pelo Deops. O caso mais representativo é do comerciante Abrahão Maluf. Filho de Inácio Abrahão Maluff e de Maria Maluff, o jovem Abrahão foi fichado pela primeira vez no Deops quando tinha 19 anos. Nascido em Lençóis Paulista, Abrahão era solteiro e empregado do comércio. O seu prontuário no Deops, sob número 2426, aponta que foi preso pela polícia política em 22 de maio de 1941. Os motivos para a prisão de Abrahão, de acordo com os arquivos da polícia paulista, eram muitos. O

Deops chegou a enviar um representante diretamente a Lençóis Paulista para acompanhar, relatar e fotografar suas atividades. O comerciante, que segundo os registros do Deops era chefe do Partido Comunista Brasileiro (PCB) da região de Bauru, foi delatado em 1941 como “perigoso comunista”, ao lado de Ludovico Olegário, Geraldo Guedes e Issa Maluf, por um cidadão lençoense que se identificava pelo pseudônimo de João Brasil. Mais tarde, João Brasil pôde ser identificado, conforme a documentação do Deops, como sendo Salústio Rodrigues Machado, na época vigário da cidade (Brusantin, 2003, p. 50).

Figura 6: Pichações comunistas em muro de residência em Lençóis Paulista – Déc. 1930



Fonte: Laboratório Técnico de Fotografia do Gabinete de Investigações. Prontuário. 2426 – Abrahão Maluf. DEOPS (Brusantin, 2003, p. 49)

A prisão de Abrahão Maluf, em 1941, mostra que a sua atuação política foi considerada subversiva às últimas consequências. No seu prontuário, hoje guardado no acervo histórico do Deops, no Arquivo do Estado, em São Paulo, estão anexadas fotografias de fachadas de prédios lençoenses, al-

guns ainda existentes na cidade, com pichações alusivas ao comunismo e críticas ao fascismo de Mussolini. Além de Abrahão Maluf, muitos moradores de Lençóis Paulista também tiveram as suas vidas rastreadas por serem considerados subversivos. Uma relação nominal, entregue ao departamento em fevereiro de 1948 e que também consta nos arquivos do Deops, mostra que eram muitos: Issa Maluf, Adib Abrão Maluf, Domingos Giovanetti, Ricieri Coneglian, Benedicto Seberino Rodrigues, Joaquim Henrique Moreira, José Pinto da Silva, Ernesta Sesato Jacon, Benedicto Giglioli, Alfredo de Oliveira Capucho, Luiz Falso, Ageu Meirelles, Luiz de Oliveira, José Guardiã, Lazaro Sampaio, Aristeu Sampaio, Mamede Rodrigues Sampaio, Gabriela Serralvo Maluf, Nicola Rossi, Adolfo Sian, João Amaral de Oliveira, Silvio Guarido, Adolfo Nardim, Alfredo Chieri, Antonio Benedito Sampaio, Benedito Modesto, José Alves Cafunho, Adolfo Stam, Adolfo Biral e Alexandre Pasquarelli.

Em nenhum momento durante todo o transcorrer da Segunda Guerra Mundial, o semanário *O Eco* reservou editoriais para tratar de informações sobre tais ocorridos. Isso muito se deve, evidentemente, à atuação da censura, que coíbia o tratamento de assuntos que envolviam o comunismo. Por outro lado, a figura do vigário Padre Salústio Rodrigues Machado, registrado no Deops sob o pseudônimo de João Brasil por delatar Abrahão Maluf, sempre figurou entre os personagens de destaque nas páginas do jornal. Nome de uma das principais avenidas de Lençóis Paulista, o vigário, como representante da classe religiosa local, teve embates com os supostos comunistas, entregando-os à polícia (como no caso de Abrahão Maluf) (Brusantin, 2003, p. 50). Nos textos de Chitto, no entanto, Padre Salústio Rodrigues Machado era

comumente retratado como um exemplo de dedicação às causas do município, conforme ilustra o trecho a seguir:

A 1º de janeiro de 1939, Padre Salústio Rodrigues Machado assumia a Paróquia de Lençóis Paulista, até findar sua existência. Pelo espaço de 16 anos, o Padre Salústio exerceu grande atividade, destacando-se não somente na religião, mas em todos os setores da nossa cidade. [...] Reergueu a religião em nossa cidade, com grande elevação de espírito, cujos feitos são dignos de registro, principalmente quanto à festa tradicional de Santo Antônio, no bairro do Corvo Branco, que está sendo um acontecimento inédito e de invejar cidades vizinhas. O Padre Salústio Rodrigues Machado batalhou em prol da assistência, da instrução e da grandeza de Lençóis Paulista. Contribuiu fortemente pela emancipação jurídica lençoense, a criação da comarca. Foi amigo assíduo e colaborador da imprensa local que mesmo hospitalizado em Botucatu, enviava suas apreciáveis colaborações. Faleceu em 5 de julho de 1955 (Chitto, 1972, p. 153).

Dessa forma, dada trajetória pessoal e profissional de Chitto, não deve ser descartada a proximidade entre o jornalista, os movimentos conservadores fascistas italianos e o relacionamento que manteve como agente da imprensa local com personagens da política lençoense. Na década de 1940, Lençóis Paulista se caracterizava como um município de forte tradição católica e pouco populoso, apesar das grandes proporções territoriais. Segundo dados do censo demográfico realizado em setembro de 1940 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possuía uma população total de 13.804 habitantes, distribuídos em 7.172 homens e 6.632 mulheres. No mesmo levantamento, foi constatado que a cidade possuía uma população estrangeira composta por 1.123 pessoas, sendo 495 italianos, 188

japoneses e 18 alemães, países que integravam o “Eixo” (Bassanezi, 2001).

O enigma de Moscou: a crítica ao comunismo no semanário

O paradoxo histórico referente ao silenciamento de O Eco sobre a perseguição dos militantes comunistas locais se adensa com o posicionamento bastante delineado que o semanário estabelece na construção de críticas ácidas sobre o comunismo, em termos internacionais, num alinhamento com o discurso integralista nacional. Um intrigante recorte histórico, nesse sentido, remete-se ao ano de 1941, o mesmo da prisão de militantes comunistas locais (caso de Abraão Maluf), mas também com importantes rearranjos geopolíticos do Brasil.

Chama a atenção no período o fato de 1941 ser um ano caracterizado pela aproximação entre Brasil e Estados Unidos, resultando no fortalecimento dos vínculos entre os dois países e no distanciamento diplomático entre os brasileiros e a Alemanha nazista. Para Seitenfus (2003), a despeito da falta de tato por manifestada pelo seu Departamento de Estado, os Estados Unidos se caracterizaram durante a Segunda Guerra Mundial pela coerência política no que diz respeito à diplomacia, designando com clareza desde o início seu adversário no conflito: o nazifascismo. “A partir daí, toda a estratégia de aproximação com a América Latina, em geral, e com o Brasil, em particular, obedece apenas ao escopo de resguardar o Novo Mundo do perigo totalitário” (Seitenfus, 2003, p. 307). No âmbito local, entretanto, o inimigo que merece destaque sob a ótica do semanário O Eco é o comunismo.

Entre os 14 editoriais de capa publicados pelo semanário O Eco entre janeiro e dezembro de 1941 tratando da Segunda Guerra Mundial, seis deles fazem críticas diretas ao comunismo ou demonstram apreensão com o avanço dos seus militantes pelo mundo.

Quadro 1: Editoriais de capa publicados no jornal O Eco, em 1941, abordando o avanço do comunismo (títulos com grafia original)

Data	Título	Assunto
30/3/1941	A Rússia em face da guerra actual	Questionamento da neutralidade russa na guerra
20/7/1941	Efeitos de uma aliança militar	Crítica ao Comunismo / Apreensão com a Aliança entre Inglaterra e Rússia
30/8/1941	A Guerra Russo Filandeza e Italo Grega	Questionamento da força do exército russo
28/9/1941	Psicologia comunista que morre	Crítica ao Comunismo / Ventilação da idéia de fim do Comunismo
19/10/1941	Os católicos e o comunismo	Crítica ao Comunismo / Posicionamento dos católicos norte-americanos contra a aliança com a Rússia
2/11/1941	Erro do comunismo	Crítica ao Comunismo

Fonte: Silva (2008)

Ao abordar o comunismo, o jornal utiliza diferentes recursos argumentativos, variando da ironia às críticas ríspidas. Em todos os casos, porém, os textos traduzem o clima de especulação sobre o envolvimento militar da URSS na Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, sobre um possível avanço dos comunistas frente aos demais países. Para o semanário O Eco, os brasileiros (que assistem de longe a “guerra de manchetes e notícias”) têm um motivo claro de preocupação com a possibilidade da entrada em guerra dos

russos: o avanço do comunismo sobre os países não-europeus.

Mesmo antes da ofensiva nazista sobre os soviéticos (que se deu em junho de 1941), o jornal já publicara editoriais com críticas aos comunistas. Entretanto, cabe destacar que um maior reflexo nas páginas do veículo ocorre mesmo após a consumação do ataque alemão à URSS, fator que incrementa ainda mais as negociações para cooperação de guerra entre soviéticos e os países aliados. As influências da aproximação diplomática despontam no jornal em 20 de julho, poucas semanas após o início da ofensiva. O editorial “Efeitos de uma aliança militar” faz críticas incisivas ao comunismo e mostra preocupação com os acordos militares entre russos e ingleses:

Quando o credo moscovita, entre nós, tinha ampla liberdade de difundir idéias, saturando de teorias o pensamento da juventude, não deixou de haver ousados afirmando que o comunismo russo é a consumação inicial dos princípios deixados por Christo sobre a terra. Esta, já vamos dizendo, era a arma perigosa com a qual os oportunistas vermelhos ludibriavam a bôa fé, arregimentando partidários inconscientes do caminho que estavam sendo arrastados. Comparar, em princípio, as teorias de Christo com as de Moscou? Que absurdo, que pequenez d’alma, que incompreensão filosófica e moral, que perversidade trazer os preceitos Christo e de Stalin em pé de igualdade. [...] Passou-se o tempo. E as circunstâncias da guerra obrigaram, agora, a Inglaterra a uma aliança militar com a Rússia. O que dirão com esse acordo, os anglilofilos? Continuarão combatendo o comunismo ou passarão a defendê-lo? Ou usarão aquela celebre expressão desculpatoria quando se lhes pergunta da guerra teuta-russa: ‘Vença quem vencer, para mim é indiferente’. Cuidado! As

teorias de Moscou são as mesmas após a aliança militar com a Grã-Bretanha. Cuidado!³

Nota-se no trecho a adoção de um discurso simplista e mitificador ao apontar um dualismo entre os ditos defensores do bem e os defensores do mal. O dualismo também está presente na relação que o veículo procura fazer entre o comunismo e o catolicismo. O editorial apresenta exemplos claros do esforço argumentativo desempenhado pelo jornalista Alexandre Chitto para opô-los. Neste mesmo sentido, chega às ruas de Lençóis Paulista no dia 19 de outubro de 1941 o editorial “Os católicos e o comunismo”. O texto, conforme demonstra o trecho a seguir, trata especificamente do posicionamento contrário dos católicos norte-americanos a uma possível aliança do país com a URSS:

De fato, ainda que o Sr. Roosevelt tenha razões de sóbra prestando socorros ao bolchevismo, a pretexto de que seu gesto só seria auxílio à Rússia para salvar as democracias e não defesa do comunismo, os católicos norte-americanos sentir-se-iam espiritualmente derrotados cooperando com o governo do seu país, levando armas e munições aos vermelhos russos. Os episódios históricos do bolchevismo estão repletos de passagens o que foi a luta dos comunistas contra a Igreja e contra todos os preceitos religiosos e espirituais. A bolchevisação da Rússia foi um verdadeiro desastre para o catolicismo. Foram os comunistas que destruíram e incendiaram 22.000 Igrejas, transformando outras 8.000 em fábricas de ‘Wodka’, estribarias, casas de profanações e armazens. Foram os comunistas que, na Rússia e na Espanha vermelha, profanaram conventos, depredaram imagens, assassinaram freiras e padres, submetendo-os antes a tristes e repugnantes torturas. Foram eles que desmantelaram

³ O Eco, edição de 20/07/1941, p. 1 (grafia original).

os alicéres do lar, destruindo o sentimento santo e nobre entre progenitores e filhos⁴.

Nota-se a tendência de considerar a Rússia um enigma, observando o seu crescimento com apreensão. Os argumentos utilizados no convencimento do leitor – uma extensa lista de “pecados” contra o comunismo – são evidentes. Outro fator que deve ser considerado na análise é a utilização de editoriais com conteúdos normativos. Segundo Luiz Beltrão (1980), os editoriais normativos são aqueles que “intentam convencer o leitor a atuar em determinado sentido, inspirando-o, encorajando-o, exortando-o por meio de sentenças e argumentos lógicos e incitadores” (Beltrão, 1980, p. 57). Dessa forma, ao abordar o conflito sob o ponto de vista local, o semanário se dirige ao leitor com estratégias argumentativas que visam o convencimento. Apesar de não deixar claro o seu posicionamento ideológico em relação à guerra, o jornal procura, geralmente, orientar os seus leitores a atuarem em um determinado sentido.

Em um primeiro nível, como é evidente, o jornal volta sua argumentação em oposição ao comunismo. Contudo, ao tratar do comunismo, mesmo adotando uma posição crítica bastante delineada, o semanário *O Eco* não deixa de se ocultar frente ao principal problema (e gênese) da guerra: o avanço do nazifascismo. Entretanto, apesar do ocultamento, ao abordar determinados assuntos e se calar perante outros, o veículo deixa transparecer sua estratégia: adotando a temática do comunismo, opta por não tomar um partido definido no conflito.

Alguns pontos justificam tal opção. Em primeiro lugar, há o fato de o veículo ter no ocultamento de suas

⁴ *O Eco*, edição de 19/10/1941, p. 1 (grafia original)

posições ideológicas um considerável subsídio para sobreviver no jogo de interesses que caracterizava o período (vale lembrar que os jornais que o antecederam na região de Lençóis Paulista não sobreviveram às primeiras edições). Em seguida, deve ser levada em conta a atuação da censura do regime varguista (sob vigilância, os jornalistas contavam com um representativo obstáculo para delinear claramente seus posicionamentos na época). Entretanto, o relacionamento do jornalista Alexandre Chitto com personagens do contexto político local, bem como as demais condições de produção dos textos, dão respostas mais interessantes à pesquisa. Dessa forma, nota-se que a tônica anticomunista no conteúdo dos editoriais do *O Eco* nesta etapa da cobertura da Segunda Guerra Mundial se assemelha ao discurso movimento integralista. Conforme aponta Chauí (1978), a posição bem definida de contrariedade ao comunismo é um aspecto dos integralistas que não pode ser ignorado:

À primeira vista, esse aspecto pode ser tido como decorrência do caráter mimético da AIB face aos fascismos europeus, ou, ainda, como decorrência do espiritualismo católico do Chefe (Plínio Salgado) que, naquela carta (enviada em 2 de janeiro de 31 a Augusto Schmidt), afirma que haverá dois blocos opostos: ‘por Deus e contra Deus’. Se o lema ‘Deus, Pátria e Família’ alimenta o catolicismo dos militantes e explica seu moralismo na crítica da democracia liberal que destrói os valores sagrados, esse lema também sustenta a atitude anticomunista, na medida em que marxismo, socialismo, bolchevismo e comunismo, sendo ‘materialistas’, são ateus, internacionalistas e destruidores do núcleo familiar. (Chauí, 1978, p. 76).

No caso do semanário *O Eco*, embora não haja um posicionamento delineado do veículo sobre o fascismo, a

categorização do comunismo como temática e a proximidade argumentativa entre os discursos do jornal e do movimento, apontam que, nessa fase da cobertura da guerra, houve um alinhamento entre o conteúdo dos editoriais e as estratégias do integralismo.

Considerações finais

Constitui-se na interpretação de alguns dos principais episódios da década de 1940, em especial no cenário instituído a partir das consequências da Segunda Guerra Mundial (como a aproximação entre a URSS e os aliados) e nas suas inúmeras correlações, que os textos do semanário *O Eco*, de Lençóis Paulista, revelam – muitas vezes nas entrelinhas – as controvérsias que no âmbito local atingiam os projetos de uma classe média imigrante, que sonhava com um determinado ideal de “progresso” e temia o comunismo. Não se trata de afirmar, categoricamente, se o jornal é ou não integralista, mas de reconhecer a proximidade argumentativa entre as propostas ante ao comunismo, ideário que se alinha também ao discurso da direita católica do período. Projetando luz ou sombra em personagens locais, o jornal desvela-se como espaço de representação ideológica, silenciando-se sobre a perseguição aos militantes comunistas da região e saudando os personagens que contribuíram para a construção deste cenário de caça às bruxas.

Referências

BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo (Org.). **São Paulo do Passado**. Dados demográficos. Campinas: Unicamp, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRUSATIN, Beatriz de Miranda. **Na Boca do Sertão: o perigo político no interior do Estado de São Paulo (1930-1945)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

CAMARGO, José Francisco de. **Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. São Paulo: USP, 1952. v. 3

CHAUÍ, Marilena, FRANCO, Maria Sylvia Carvalho Franco. **Ideologia e Mobilização Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CHITTO, Alexandre. **Lençóis Paulista ontem e hoje**. Lençóis Paulista (SP): Edição especial de O Eco, 1972.

CHITTO, Alexandre. **Lençóis Paulista nos seus 120 anos**. Lençóis Paulista (SP): Edição especial de O Eco, 1978.

FERNANDES, Edson. **A escravidão na fronteira** - Um estudo da escravidão negra numa “boca do sertão” paulista. Lençóis, 1860-1888. Orientador: Dora Isabel Paiva da Costa. 2003. 102 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Unesp/Araraquara SP, 2003.

SILVA, Marcos Paulo da. A estratégia integralista oculta na crítica ao comunismo: uma análise do semanário O Eco na Segunda Guerra Mundial. **Histórica**, São Paulo, v. 30, p. 1-12, abr. 2008.

SILVA, Marcos Paulo da. **A representação da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista** - O Eco (1939-1944). Orientador: Ricardo Alexino Ferreira

2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual Paulista, 2007.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. 3. ed. Barueri (SP): Manole, 2003.